

POR TRILHAS TORTUOSAS: entre a História e a História Natural

Marcelo Ferreira de Vasconcelos¹

O presente memorial está sujeito a vários lapsos de memória. No entanto, acho que sou capaz de rastrear boa parte do processo envolvendo leitura e escrita no decorrer de meu aprendizado e de minha carreira profissional. Por uma questão de organização de ideias em ordem cronológica, admito que os processos de aprendizagem e as práticas da leitura e da escrita ocorreram de maneira concomitante ao longo de minha vida e, por este motivo, apresentá-los-ei de forma associada. Segue a tentativa:

Ainda antes de aprender a ler e escrever, lembro-me que eu me deliciava folheando coleções de livros sobre animais, destacando-se produções da década de 1970, a exemplo do *Atlas da Fauna Brasileira* (CARVALHO, 1978) e da famosa coleção *Os Bichos* (CIVITA, 1972), obras que guardo comigo até o presente e que servem de inspiração para meus próprios filhos. Esses livros, além de conterem textos de divulgação científica, são ricamente ilustrados com temas da natureza, atraindo a atenção das crianças. Com base nisso, nesta fase primordial eu nada lia, apenas apreciava as maravilhosas ilustrações.

Ao aprender a ler, minha primeira investida na leitura ocorreu quando eu tinha sete ou oito anos de idade (1982). Acordei muito cedo num domingo quando minha família ainda estava dormindo. Fui para a copa e abri um almanaque em quadrinhos da Disney® com a história *O Cão e a Raposa*. Fiquei impressionado de ter conseguido ler o gibi de cabo a rabo antes de meus pais acordarem e, de certa maneira, aquela sensação de vitória ajudou-me a começar a ler as legendas das figuras daqueles livros de animais citados acima, que antes eram apenas admiradas.

Com relação à escrita, lembro-me que, durante a antiga segunda série do primário (1983), com oito anos de idade, havia um concurso sobre redação em meu colégio, sobre a vida de uma figura de importância na fundação das Escolas Maristas. Despretensiosamente, tirei o primeiro lugar de toda as classes daquele ano.

A ignição havia ocorrido e continuei a consumir as famosas revistinhas em quadrinhos da *Turma da Mônica*, ainda mais que, naquele mesmo ano, mudamos para uma cidade do

¹ Graduando em História – Bacharelado (PUC-Minas). Graduado em Ciências Biológicas (UFMG). Mestre e Doutor em Ecologia, Conservação e Manejo de Vida Silvestre (UFMG). Curador da Coleção Ornitológica do Museu de Ciências Naturais (PUC-Minas). E-mail: mfvasconcelos@gmail.com

interior paulista onde era possível viver uma infância muito similar àquela representada pelos personagens dos gibis, com uma turminha de crianças de nossa própria rua. Empolgado com a leitura de quadrinhos, comecei a produzir os meus próprios gibis, criando personagens e roteiros escritos em formas de balões de falas e de pensamentos.

Mas isso era só um início lúdico à leitura e à escrita e não percebi grandes avanços no processo, exceto aqueles estritamente associados ao âmbito escolar, até o início de minha adolescência (1988), já de volta à capital mineira. Destaco aqui a forte influência que tive de um admirado professor de História, de sobrenome “Gonzaga”. Suas aulas eram tão empolgantes que comecei a buscar por livros sobre História Antiga e a consumi-los por conta própria. Foi espetacular. Pela primeira vez, minha atividade extracurricular de leitura não mais se baseava em quadrinhos ou livros infanto-juvenis. É claro que isso não me tornou um leitor ávido, já que, naquela fase da vida, as convivências nos círculos sociais e os esportes também nos obrigam a dividir o tempo. Mas foi mais um passo, posso afirmar.

O pêndulo entre o gosto por natureza e história balançou mais uma vez no início da década seguinte. Aos 16 anos de idade (1991), fui convidado por um de meus tios que residia no estado do Mato Grosso a passar as férias de julho com ele, tendo a oportunidade de conhecer o Pantanal e a Amazônia de maneira “crua”, isto é, sem as maquiagens dos pacotes turísticos. As pescarias no Pantanal e as andanças com mateiros pela selva norte-mato-grossense resgataram aquela antiga paixão de infância pela fauna e foram o estopim para reler os antigos livros de animais e adquirir outros nas poucas livrarias mais ecléticas da cidade. Dentre os clássicos brasileiros, destaco as obras de Eurico Santos: *Nossos Peixes Marinhos* (SANTOS, 1982), *Peixes da Água Doce* (SANTOS, 1987) e *Pássaros do Brasil* (SANTOS, 1992). Mas não me detive apenas à literatura nacional, também adquirindo obras na língua inglesa, a exemplo da *Encyclopedia of Mammals* (GOULD; MCKAY, 1990) e *The Complete Birdwatcher* (ANDREWS, 1989).

A paixão pela biodiversidade levou-me a fazer anotações sobre o comportamento das rolinhas que viviam na minha rua e dos periquitos australianos que eu criava em casa, numa linguagem descritiva e bastante diferente daquela científica, na qual eu seria introduzido em breve.

E assim, na sequência, ingressei no curso de graduação em Ciências Biológicas na UFMG. Logo no primeiro ano (1993), investi na iniciação científica, estudando interações entre os cupins e a vegetação do Cerrado. Foi neste processo que percebi que tudo aquilo que era multicolorido na literatura de divulgação da fauna - que eu estava tão habituado na infância e

na adolescência - tornara-se cinzento nos artigos científicos que eu deveria ler, estudar e, mais do que isso: produzir!

Aqui cabem duas informações importantes para quem não é da área das Ciências Biológicas. A primeira é que a linguagem científica empregada nesta área, até meados do século XX (antes da Segunda Guerra Mundial), ainda era poética e bem elaborada, prazerosa de ser lida e a ciência era totalmente baseada em dados diretamente coletados a partir de vivências ao ar livre, isto é, em trabalhos de campo. No entanto, a partir da segunda metade do século XX, com o advento de modelos computacionais e com a descoberta do DNA, os estudos tornaram-se extremamente mecanicistas e totalmente afastados da natureza. O segundo ponto é que, na área de Ciências Biológicas, quase toda a literatura científica está publicada na língua inglesa.

E foi sob a forte pressão desta “neociência” que fui obrigado a me moldar nos anos de graduação (1993-1998), pós-graduação (mestrado [1999-2001] e doutorado [2005-2009]) e como professor em duas universidades (Unimontes [2001-2004] e PUC-Minas [2010-2013]). De tanto ler os artigos em inglês, comecei a escrever nesta nova língua, ainda na graduação. De tanto ler artigos que não aceitavam mais aquela linguagem poética e elaborada, comecei a escrever de maneira mais seca e objetiva.

Mas não perdi totalmente meu gosto pela leitura e escrita harmoniosas, lendo artigos dos antigos cientistas como fonte de inspiração e, principalmente, os relatos dos naturalistas-viajantes que percorreram o Brasil no século XIX em busca de novas espécies da fauna e da flora. Destaco aqui alguns de minha preferência: Maximilian (Príncipe de Wied-Neuwied) (WIED, 1940), Auguste de Saint-Hilaire (SAINT-HILAIRE, 1975; 2004), Georg Heinrich von Langsdorff (SILVA, 1997), Johann Baptist von Spix e Carl Friedrich Philipp von Martius (SPIX; MARTIUS, 1981). Este tipo de leitura, em especial, manteve acesa a chama histórica que nunca havia se apagado em meu interior e, sempre que eu visitava qualquer região percorrida por estes antigos exploradores, eu procurava ler suas descrições de como era aquela área há 200 anos, quais bichos ali viviam e quais eram os costumes das pessoas. Os contrastes ou resiliências temporais sempre foram excitantes ao se comparar o vivido hoje com os relatos do passado.

As leituras sobre as antigas expedições do século XIX e as tentativas de refazê-las em pleno século XXI podem ser consideradas quase que um comportamento quixotesco, já que o famoso personagem de Miguel de Cervantes, “...resolveu ajustar sua vida ao mundo dos livros e, assim procedendo, proclamou-se ele mesmo, cavaleiro andante, sob o nome de Dom Quixote...” (ZILBERMAN, 2001, p. 20). Só me faltou perder totalmente a razão. Ou será que perdi?

Com relação à escrita, os processos de produção de minha dissertação de mestrado (VASCONCELOS, 2001) e minha tese de doutorado (VASCONCELOS, 2009), ambas versando sobre a biogeografia das aves de topos de montanha do leste brasileiro, apesar de terem seguido a rigidez imposta pelo programa de pós-graduação em Ecologia da UFMG, também me permitiram um pouco mais de liberdade de expressão “naturalista”. Primeiro, porque ambos os produtos puderam ser escritos em meu idioma e, segundo, porque havia espaço para expor, com mais detalhes, as ideias e observações de campo baseadas em minha vivência junto à natureza.

Também encontrei algumas válvulas de escape com relação às publicações acadêmicas, dentre elas, revistas de história natural que, apesar de apresentarem baixíssimo fator de impacto (Qualis CAPES), permitiam-me escrever de maneira mais complexa e descrever minhas ricas observações e vivências no campo. Estas revistas incluem a brasileira *Atualidades Ornitológicas* (infelizmente extinta) e as britânicas *Cotinga* e *Bulletin of the British Ornithologists' Club*.

Nesse período, também publiquei, em parceria com um colega, um livro de divulgação em português, sobre as aves mais comuns do estado de Minas Gerais (MENDES-NETO; VASCONCELOS, 2005).

Tudo corria muito bem, dividindo a produção escrita (e a própria leitura) entre a “neociência” e a história natural, tendo alcançado alta produtividade. Só como exemplo, sou autor de mais de 200 artigos publicados em periódicos científicos do Brasil e do exterior (ver currículo na plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9201386778641165>).

No entanto, foi justamente por dividir minha produção em ciência mais próxima da moderna, a “ultrapassada” história natural e a divulgação científica, que comecei a sofrer forte pressão de meus colegas da pós-graduação, em que eu atuava como professor, para que minha produção se voltasse totalmente para as novas áreas da Biologia que estão completamente afastadas da natureza (leia-se modelos computacionais e biologia molecular). A pressão foi tamanha, incluindo periódicas ameaças de demissão, que, após muita reflexão, decidi que eu não deveria me desviar do meu caminho e da minha missão, que é a de estudar a fantástica biodiversidade brasileira antes que ela seja extinta pela intensa destruição da natureza a que estamos assistindo nos últimos anos.

Para seguir meu caminho, fui obrigado a pedir demissão de meu cargo de professor de pós-graduação em Zoologia de Vertebrados e da graduação em Ciências Biológicas. Eu não podia aceitar a imposição de uma ditadura científica que me obrigava a publicar fora de tudo o que eu acreditava como naturalista só para agradar métricas de produção e gerar lucros para

grandes editoras de revistas científicas localizadas em países ricos e que fazem fortunas vendendo assinaturas e artigos produzidos com financiamento que vem do bolso do próprio povo brasileiro. Não foi uma decisão fácil, especialmente por ser pai de duas crianças pequenas que dependiam de meu salário.

Novos rumos foram tomados visando à sobrevivência: muitos trabalhos de consultoria ambiental por todo o Brasil, guia de montanhistas e observadores de aves na Serra do Caraça, dentre outras atividades. Além disso, poucos meses após minha demissão como professor, fui admitido como funcionário na mesma instituição, desta vez atuando como curador de uma coleção científica no Museu de Ciências Naturais, mas acabei perdendo todo o vínculo com a graduação e a pós-graduação. No entanto, houve algo muito positivo nessa reviravolta: pela primeira vez, estava eu livre para ler e escrever o que quisesse. Não tinha mais obrigação de acompanhar a chatíssima literatura de artigos mecanicistas da Biologia pós-moderna, tampouco publicar nesta linha.

Foi aí que comecei a expandir meu universo na literatura, especialmente retornando a obras de cunho histórico com linguagem muito mais elaborada e prazerosa de se ler. Muitas dessas obras referiam-se a lugares onde eu estava trabalhando. Por exemplo, fiquei chocado com a história a respeito da construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré ao ler o livro *A Ferrovia do Diabo* (FERREIRA, 2005), quando trabalhei na região do Rio Madeira, em Rondônia, entre 2013 e 2016.

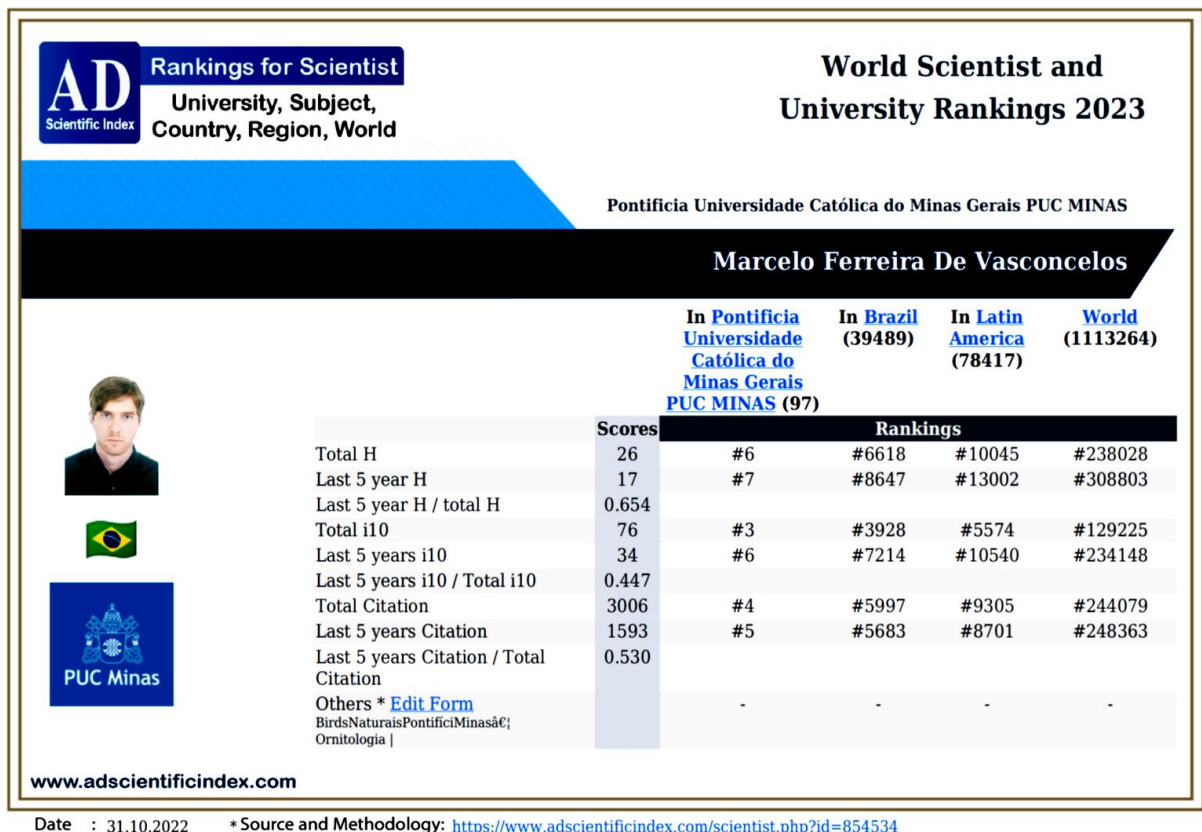
A libertação da academia também permitiu que eu me dedicasse à produção de vários artigos de divulgação científica sobre conservação da biodiversidade e história natural em dois jornais regionais, tornando-me colunista do *Voz do Caraça* e da *Tribuna do Piracicaba*.

Além disso, nos últimos três anos, junto de outros colegas, escrevi três livros voltados para leigos interessados na observação da natureza: *Aves da Serra do Cipó* (KOT *et al.*, 2021), *Guia de Aves do Parque Nacional do Caparaó* (BARÇANTE *et al.*, 2021) e *Guia de Aves da Área de Influência da Usina Hidrelétrica de Emborcação* (VASCONCELOS; ZIADE, 2020). Sim, finalmente eu estava podendo desenvolver minha escrita da maneira mais pura e livre!

No entanto, confesso, mesmo não sendo mais professor universitário vinculado a um programa de pós-graduação, não abandonei a ciência por completo e continuei a ler e publicar os artigos científicos, dentro do pouco tempo disponível entre tantos trabalhos visando garantir a sobrevivência da família, agora com um terceiro filho. E, por ironia do destino, nos dois últimos anos consecutivos, fui incluído em uma classificação que identifica os 2% dos cientistas mais produtivos e influentes de todo o mundo pela AD Scientific Index, ficando em 6º lugar geral de toda minha instituição (Figura 1). Apesar da “premiação”, isso muito me incomodou,

pois perdi uma década de minha carreira acadêmica achando que minha produção no estilo mais “antiquado” de um naturalista nada valia para a ciência moderna. Na realidade, os prêmios traduziram-se em uma triste decepção...

Figura 1: Certificado fornecido pela AD Scientific Index dos cientistas mais produtivos e influentes do mundo



Fonte: AD Scientific Index (2023); disponível em: <https://www.adscientificindex.com/scientist/marcelo-ferreira-de-vasconcelos/854534>

Mas sempre é hora de erguer a cabeça e agir, enquanto temos força e resistência. E foi justamente com base na leitura de alguns livros que unem as duas paixões de minha vida – Biologia e História – a exemplo de *Armas, Germes e Aço* (DIAMOND, 2013), *Colapso* (DIAMOND, 2007), *O Mundo até Ontem* (DIAMOND, 2014), *Sapiens* (HARARI, 2017) e *A Ferro e Fogo* (DEAN, 2020), que comecei a pensar na possibilidade de integrar tudo o que havia vivenciado nos campos e nas matas do Brasil ao longo das três últimas décadas com o emergente campo da História Ambiental (DUARTE, 2005).

E aqui estou eu, de volta à graduação, com muita vontade e humildade para percorrer as novas trilhas de leitura e escrita que se abrem nas Ciências Humanas.

Vamos adiante!

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Profa. Dra. Daniella Lopes pela orientação na elaboração do presente memorial ao cursar sua disciplina “Leitura e Escrita” e pelo incentivo em submetê-lo à publicação.

REFERÊNCIAS

ANDREWS, John. **The complete birdwatcher**. Londres: Hamlyn Publishing Group, 1989.

BARÇANTE, Luciana *et al.* **Guia de aves do Parque Nacional do Caparaó**. Belo Horizonte: Ed. dos autores, 2021.

CARVALHO, José Cândido de Melo (org.). **Atlas da fauna brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

CIVITA, Victor (Ed.). **Os bichos**. 5 volumes. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

DEAN, Warren. **A ferro e fogo – a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira**. 11. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

DIAMOND, Jared. **Armas, germes e aço: os destinos das sociedades**. 15. ed. Rio de Janeiro e São Paulo: Editora Record, 2013.

DIAMOND, Jared. **Colapso: como as sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso**. 5. ed. Rio de Janeiro e São Paulo: Editora Record, 2007.

DIAMOND, Jared. **O mundo até ontem: o que podemos aprender com as sociedades tradicionais?** Rio de Janeiro e São Paulo: Editora Record, 2014.

DUARTE, Regina Horta. **História e natureza**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

FERREIRA, Manuel Rodrigues. **A ferrovia do diabo**. São Paulo: Melhoramentos, 2005.

GOULD, Edwin; MCKAY, George. **Encyclopedia of mammals**. Nova York: Gallery Books, 1990.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. 19. ed. Porto Alegre: L&PM, 2017.

KOT, Luiza *et al.* **Aves da Serra do Cipó / Birds of Serra do Cipó**. Belo Horizonte: Ed. dos autores, 2021.

MENDES-NETO, Humberto Ribeiro; VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de. **Aves comuns do estado de Minas Gerais – um guia de campo para o observador**. Florianópolis: Companhia das Letras, 2005

SAINT-HILAIRE, Augustin François César Prouvençal de. **Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. Belo Horizonte: Itatiaia / São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

SAINT-HILAIRE, Augustin François César Prouvençal de. **Viagem pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2004.

SANTOS, Eurico. **Nossos peixes marinhos**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1982.

SANTOS, Eurico. **Pássaros do Brasil**. Belo Horizonte: Villa Rica, 1992.

SANTOS, Eurico. **Peixes da água doce**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987.

SILVA, Danuzio Gil Bernardino. **Os diários de Langsdorff**. 3 volumes. Campinas: Associação Internacional de Estudos Langsdorff, 1997.

SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. **Viagem pelo Brasil**. 3 volumes. Belo Horizonte: Itatiaia & São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1981.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de. **Avifauna dos campos rupestres e dos campos de altitude do leste do Brasil: levantamento, padrões de distribuição geográfica, endemismo e conservação**. 2009. 229 f. Tese (Doutorado em Ecologia, Conservação e Manejo de Vida Silvestre) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de. **Estudo biogeográfico da avifauna campestre dos topos de montanha do Sudeste do Brasil**. 2001. 112 f. Dissertação (Mestrado em Ecologia, Conservação e Manejo de Vida Silvestre) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; ZIADE, Caroline. Farah. **Guia ilustrado de aves da área de influência da Usina Hidrelétrica de Emborcação**. Belo Horizonte: Cemig, 2020.

WIED, Maximilian, Prinz zu. **Viagem ao Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

ZILBERMAN, Regina. **Fim do livro, fim dos leitores?** São Paulo: Editora SENAC, 2001.